http://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v38a2024-64795

A Hermenêutica Crítica de Paul Ricoeur: uma perspectiva metódica à Pesquisa em Educação[1]

Thaiany Guedes da Silva[*]

Evandro Ghedin[**]

Ilaine Inês Both[***]

Resumo: Trata-se de trabalho de cunho teórico-metodológico que objetiva abordar os conceitos e processos fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa na perspectiva da Hermenêutica Crítica de Paul Ricoeur, refletindo a fecundidade científica e formativa deste exercício no campo da pesquisa educacional. Tem como método a pesquisa documental desenvolvida pela sistemática da revisão bibliográfica realizada sob o critério de relevância e enfoque temático das obras selecionadas, que se apresenta na forma de um ensaio. Resulta deste a compreensão das etapas fenomenológica, hermenêutica e filosófica, como caminho estruturante do que Ricoeur denomina como inteligência dos símbolos, bem como emergem os conceitos de símbolo, compreensão, evento, dito e dizer, como pertinentes à construção e à interpretação de informações configuradas como dados da investigação. Considera-se que a hermenêutica crítica se constitui como uma alternativa criativa, crítica e autoformativa da consciência de si e do mundo,

[1] Este artigo contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Superior (CNPq).

[*] Doutora em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Professora em Universidade Federal do Amazonas (Ufam). E-mail: professorathaianuyguedes@ufam.edu.br. Lattes: http://lattes.cnpq.br/1605473259537850. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6506-9530.

[**] Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor em Universidade Federal do Amazonas (Ufam). E-mail: evandroghedin@ufam.edu.br. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5879015398476679. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2844-6122.

[***] Doutora em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Professora em Universidade Federal do Amazonas (Ufam). E-mail: laineines@ufam.edu.br. Lattes: http://lattes.cnpq.br/6659627162111294. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1673-5872.

aspectos que contribuem para o desenvolvimento da pesquisa em educação e da formação dos pesquisadores, o que torna a abordagem relevante para o campo.

Palavras-chave: Hermenêutica-Crítica; Inteligência do Cogito; Pesquisa em Educação.

Paul Ricoeur's Critical Hermeneutics: a methodical perspective to research in Education

Abstract: This work is of a theoretical-methodological nature that aims to address the fundamental concepts and processes for the development of research from the perspective of Paul Ricoeur's Critical Hermeneutics, reflecting the scientific and formative richness of this exercise in the field of educational research. The method employed is documentary research, developed through a systematic literature review based on criteria of relevance and thematic focus of the selected works, which is presented in the form of an essay. This results in an understanding of the phenomenological, hermeneutical, and philosophical stages as a structuring path of what Ricoeur calls the intelligence of symbols. Additionally, concepts such as symbol, understanding, event, saying, and said emerge as pertinent to the construction and interpretation of information configured as data for investigation. It is considered that critical hermeneutics constitutes a creative, critical, and self-formative alternative for self-awareness and awareness of the world, aspects that contribute to the development of research in education and the training of researchers, making this approach relevant to the field.

Keywords: Critical-Hermeneutics; Cogito Intelligence; Research in Education.

La Hermenéutica Crítica de Paul Ricoeur: una perspectiva metódica para la investigación en educación

Resumen: Se trata de un trabajo de carácter teórico-metodológico que tiene como objetivo abordar los conceptos y procesos fundamentales para el desarrollo de la investigación desde la perspectiva de la Hermenéutica Crítica de Paul Ricoeur, reflejando la fecundidad científica y formativa de este ejercicio en el campo de la investigación educativa. Su método es la investigación documental desarrollada a

través de la sistemática de la revisión bibliográfica realizada bajo el criterio de relevancia y enfoque temático de las obras seleccionadas, que se presenta en forma de ensayo. Esto resulta en la comprensión de las etapas fenomenológica, hermenéutica y filosófica, como camino estructurante de lo que Ricoeur denomina inteligencia de los símbolos; así como emergen los conceptos de símbolo, comprensión, evento, dicho y decir, como pertinentes a la construcción e interpretación de información configurada como datos de la investigación. Se considera que la hermenéutica crítica se constituye como una alternativa creativa, crítica y autoformativa de la conciencia de sí mismo y del mundo, aspectos que contribuyen al desarrollo de la investigación en educación y a la formación de los investigadores, lo que hace que este enfoque sea relevante para el campo.

Palabras clave: Hermenéutica-Crítica; Inteligência Cogito; Investigación en Educación.

Introdução

A hermenêutica crítica é um caminho metódico fecundo à investigação em educação pois proporciona aos intrépidos pesquisadores que dela se apropriam o mútuo desenvolvimento de sua compreensão, ou seja, além da compreensão dos objetos e sujeitos em situação de pesquisa, a compreensão de si mesmo e de suas próprias possibilidades. O potencial crítico que surge do diálogo estabelecido em Ricoeur entre a fenomenologia husserliana e o marxismo coloca em debate o contexto social e político mais amplo, que condiciona as possibilidades de ser e estar no mundo, aspecto que baliza não só a construção e intepretação dos dados da pesquisa, mas a autoformação do próprio pesquisador.

O texto e método ricoeuriano são extremamente ricos e criativos, incentivando seus leitores a caminharem até os limites de suas possibilidades de compreensão, além de potencializarem sua posição autoral diante da pesquisa, aspecto que por si só justificaria a imersão nessa literatura, uma vez que é recorrente, nas bancas de defesa, a observação de que "faltou ver o autor, sentir o autor do texto". A partir da pesquisa bibliográfica realizada,

identificamos etapas na obra de Paul Ricoeur que ajudam a superar essa condição e dúvida de grande parte dos pesquisadores iniciantes.

Desta feita, pensamos que a Hermenêutica Crítica precisa ser redescoberta, esclarecida e incentivada como método que traz em si uma epistemologia crítica imbricada. Nesse sentido, o texto objetiva abordar os conceitos e processos fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa em educação na perspectiva da Hermenêutica Crítica cunhada por Paul Ricoeur. Desejamos, ainda, refletir a fecundidade científica e formativa que reside no bojo desse exercício.

Trata-se, portanto, de trabalho de cunho teórico-metodológico, realizado por meio de pesquisa documental, tendo como fonte a bibliografia produzida pelo autor como fonte primária e aquela desenvolvida a partir da obra do autor, assumido como *ensaio* que toma como base, principalmente, as obras: *Da interpretação*: *Ensaios sobre Freud* (1977), *O Conflito das Interpretações*: *Ensaios de Hermenêutica* (1978) e *Interpretação e Ideologia* (1983). A seleção dessas obras obedeceu como critério sua relevância e centralidade temática para o conceito de hermenêutica, dentre as demais obras do autor. A construção de nosso conhecimento acerca da epistemologia de Paul Ricoeur tem um certo processo de maturação, pelo diálogo com esse método nos últimos dez anos de pesquisa empreendida pelos autores na área da educação, processo que qualifica nossa leitura e interpretação das obras citadas.

Nesse percurso, destacamos os seguintes conceitos como elementares para a interpretação hermenêutica-crítica: *símbolo*, *compreensão*, *dito*, *dizer* e *evento*. Conceitos que estruturam as três etapas da inteligência do cogito, ou do pensamento, indicadas por Ricoeur, a saber: etapa fenomenológica, hermenêutica e filosófica. Cada uma dessas etapas possui características específicas de aproximação do objeto.

O texto está organizado em dois momentos centrais. No primeiro "Pontos de Partida: Conceitos Fundantes da Epistemologia Ricoeuriana", trazemos para o debate algumas relações entre hermenêutica e linguagem, em seguida abordamos o conceito de símbolo e das etapas de sua inteligência e decifração. No segundo momento, intitulado Porto de

Passagem: a Pesquisa em Educação Animada pela Hermenêutica Crítica de Paul Ricoeur, refletimos a questão do método em debate no contexto da pesquisa em educação.

Os resultados indicam que a epistemologia da hermenêutica-crítica, na perspectiva do filósofo francês Paul Ricoeur, possui características indispensáveis à produção criativa e crítica do conhecimento científico. Sua ênfase ontológica coloca o pesquisador diante do objeto e, ao mesmo tempo, de si mesmo, reconhecendo-se como fronteira interpretativa, distinção que o faz humilde, sem deixar de ser perspicaz frente ao exercício da compreensão. Nesse sentido consideramos que é necessário ampliar o estudo e o debate acerca desse método, bem como dos conceitos e dos processos que dele emergem.

Salientamos, ainda, que a apropriação da filosofia ricoeuriana no contexto da pesquisa educacional é mais que uma necessidade acadêmica, percebemo-la como um movimento político e formativo no cenário de acirramento da racionalidade tecnicista no contexto da formação de professores, manifestada de diferentes modos, da escola à academia. Nesse sentido, urge voltarmos às bases epistemológicas que estruturam o pensamento e a pesquisa.

Pontos de partida: conceitos fundantes da epistemologia ricoeuriana

A natureza do pensamento filosófico de Paul Ricoeur é riquíssima e muito interessante, pois as fontes de estudo[2] não foram para ele aderência a um pensamento ou outro, mas inspiração para a forja de caminhos independentes, muito embora Ricoeur não deixe de se inserir e de superar determinadas questões abertas pela hermenêutica filosófica e limites da

[2] As raízes filosóficas do pensamento de Ricoeur estão assentadas em: Gabriel Marcel, Emanuel Mounier e Edmundo Hurssel. Na leitura de sua obra surgem muitos interlocutores, dentre eles: F. Schleirmacher, W. Dilthey; M. Heidegger; H. G. Gadamer; F. Nietzsche; K. Marx; S. Freud.

fenomenologia, além de inserir a dialética na solução de problemas fundamentais que enfrenta.

Na experiência de leitura de alguns de seus trabalhos, certos pontos são dignos de nota, dentre eles, a inegável fecundidade de seu pensamento[3], em crescente debruçar sobre seus próprios resíduos, desenvolvendo-se de forma espiralada. A recorrência a inúmeros temas é outro ponto que, num primeiro momento, dificulta o caminho daqueles que buscam uma síntese do seu pensamento, ou mesmo um caminho para apreendê-lo e exercitá-lo. Fonseca (2009, p. 2) nos coloca que o próprio Ricoeur nunca deu a sua obra uma visão unitária e sistematizada, considerando o seu pensamento como uma sistematicidade fraturada, muito embora há determinadas questões que lhe sejam recorrentes, de tal modo que há sempre um exercício dialético em seu processo de pensamento.

Em meio às fraturas, pretendemos trazer, em duas seções, os elementos que pensamos ser essenciais para uma aproximação ao método hermenêutico crítico de Ricoeur. No primeiro, dialogamos acerca das relações entre hermenêutica e linguagem, pois é no seio desta que residem os signos que suportam o trabalho metódico; no segundo, abordamos o conceito de símbolo e das etapas de sua inteligência ou de seu desenvolvimento à compreensão.

Hermenêutica e linguagem: o resgate do dito no dizer

Iniciemos o esclarecimento acerca das relações entre hermenêutica e linguagem por uma provocação lançada pelo próprio Ricoeur (1977, p. 18) "[...] ao mesmo tempo, a linguagem é, antes, e na maioria das vezes, distorcida: quer dizer outra coisa do que aquela que diz, tem duplo sentido,

[3] De acordo com Fonseca (2009), sua obra compreende mais de 500 títulos em artigos, conferências, colóquios, mesas redondas, actas e entrevistas, algumas traduções, meia centena de prefácios a obras de outros autores e mais de 20 monografias, a maior parte de sua autoria, algumas em coautoria.

é equívoca. Se fosse de outra maneira que sentido teria a ideia de interpretação ou compreensão?".

Segundo Ricoeur (1983), a hermenêutica possui uma relação privilegiada com as questões de linguagem, pois atua em seu caráter polissêmico, ou seja, na característica que possuem as palavras para produzir mais de uma significação quando as consideramos fora de seu uso em determinado contexto. Há, portanto, nesse exercício, a necessidade de resgatar o sentido do dito no dizer, tarefa sensível ao contexto enquanto elemento de significação do discurso.

Na busca pela compreensão de si, problema radical da hermenêutica ricoeuriana, em sua visada ontológica, não partimos da linguagem diretamente ao ser – como fez Heidegger, em sua via curta[4] – mas da decifração dos símbolos presentes na linguagem como recurso ao encontro do ser. O discurso se dá como evento, ou seja, algo acontece quando alguém fala.

Dizer que o discurso é um evento significa considerar que ele é realizado temporalmente e no presente, tendo como suporte e estrutura a língua, que é virtual e fora de um tempo preciso. Segundo Ricoeur, há dois polos no discurso, de um lado, o evento ligado a uma pessoa que fala e ao tempo da fala; do outro, a significação. Para Ricoeur (1983, p. 47) "o que pretendemos compreender não é o evento, na medida em que é fugidio, mas sua significação que permanece".

Essa compreensão, de uma intencionalidade do discurso como algo dito por alguém e para alguém, Ricoeur extrai do trabalho de Benveniste, que publicou em 1966 o primeiro volume de *Problemas de Linguística Geral* e foi considerado um grande expoente da linguística da enunciação. Seu trabalho obteve grande influência na França e no pensamento de Paul Ricoeur. Entre 1966 e 1967, é autor presente nos cursos que Ricoeur

[4] Para Ricoeur (1987, p. 9) há duas maneiras de fundar a hermenêutica na fenomenologia, a via curta e a via longa "chamo de via curta tal ontologia da compreensão à maneira de Heidegger [...] porque ao romper com os debates de método, refere-se de imediato, ao plano de uma ontologia do ser finito, para aí encontrar o compreender". A via longa, proposta por Ricoeur, tem por ambição levar a reflexão ao nível de uma ontologia, mas ela o fará gradativamente, seguindo as sucessivas exigências da semântica e, em seguida, da reflexão.

lecionou na Universidade de Nanterre (Flores; Endruwit, 2012), bem como é um autor recorrente em suas obras.

O dizer resguarda o movimento conflituoso e dialético entre o discurso, enquanto evento, e a ultrapassagem do evento em sua significação. Não está no dizer o problema de decifração dos sentidos multívocos, mas no dito que se expressa no ato do dizer. E o que é o dito? Para elucidação dessa questão, Ricoeur recorre à teoria de *Speech-Act* (Atos de fala), presente em John Searle (1981), constituída por uma hierarquia de atos subordinados e distribuídos em três níveis, a saber: ato locucionário ou proposicional, ato ilocucionário e perlocucionário.

Essa hierarquia identifica, no discurso, três fenômenos embutidos uns nos outros: aquilo que digo diretamente, no sentido denotativo – ato locucionário; o modo como digo, ou seja, a força implícita no dizer, se é uma ordem, um pedido, uma promessa – ato ilocucionário; por último, os efeitos no outro diante daquilo que falo e do modo como falo, ou seja, dos atos anteriores, se provoquei medo, simpatia, retraimento ou outros efeitos, a esse último Searle denomina como ato perlocucionário.

O trabalho de Searle (1981) defende a seguinte tese: falar uma língua é adotar uma forma de comportamento regida por regras. Seu problema é elucidar as regras desse feito e, nesse sentido, propôs os três atos descritos. A estrutura dada por Searle (1981), a qual recorre Ricoeur para pensar o que é o dito, coloca ao pesquisador atento algumas preocupações e cuidados em relação à construção e à interpretação dos dados, pois isso significa olhar o discurso em camadas. Pensando no procedimento de entrevista, por exemplo, o que meu interlocutor, o sujeito da pesquisa, fala em um primeiro plano é objeto de análise também em primeiro plano, mas a compreensão de outros níveis de significação presentes em seu dizer apenas pode ser acessada se colocarmos em jogo toda a complexidade do ato perlocucionário contextualizado como evento.

Podemos esclarecer isso a partir de uma situação exemplar que surgiu em uma de nossas pesquisas sobre a formação contínua de professores. Na referida investigação, deparamo-nos com professores muito satisfeitos com as formações, pois as consideravam divertidas e dinâmicas,

eram realizadas no formato de oficinas, algo que há tempos eles pediam e foram atendidos. Nós os havíamos acompanhado pela observação em campo por dois anos daquelas formações que faziam e identificamos que havia ausência de estudo, embasamento teórico acerca da prática ali empreendida, o que, em termos de formação, é inadmissível numa perspectiva crítica e emancipadora, que só pode surgir da práxis (Freire, 2005), isto é, da unidade teórico-prática do visar o mundo.

O discurso aparentemente de satisfação, quando situado como evento, ou seja, como produto de um tempo, revelou diversas questões: os professores, como resultado da precarização histórica de seu trabalho, bem como da perda de autonomia da produção do seu conhecimento, pensavam teoria e prática como duas coisas isoladas, a primeira já havia tido espaço na formação inicial, sendo agora, na formação contínua, a hora da prática. Essa percepção também foi identificada como produto da definição histórica do curso de Pedagogia em seu perfil de bacharelado, quando deveria se promover como licenciatura, com maior articulação dos saberes acadêmicos no campo profissional (Gatti; Nunes, 2009).

Além destas, mergulhar no significado das falas contextualizadas à estrutura mais ampla que as deu origem nos mostrou outras veias de sentidos, como o prazer que as professoras sentiam em poder encontrar as colegas e passar um tempo com elas em outro formato de relação. Muito é dito em cada dizer, na postura, nas expressões dos sujeitos e, até mesmo, em seu silêncio.

A situação de pesquisa relatada nos conduz à compreensão de que cada camada do discurso pode e deve ser levada à interpretação e, ao evidenciar sob quais condições podemos realizar esse movimento, uma vez mais Ricoeur nos auxilia com a superação de outra dificuldade que muitos pesquisadores iniciantes têm, que é a do próprio método, da interpretação e construção e da produção das informações. Dúvida que geralmente produz relatórios muito extensos em quantidade de dados e pouco propositivos acerca do trabalho sobre os dados presentes.

O pensamento do filósofo Paul Ricoeur nos induz à busca do conhecimento como processo de reflexão acerca das ilusões do pensamento,

na direção do horizonte da verdade ontológica. Também nos ensina que nossa interpretação do outro, em seu ato de compreensão da realidade, é sempre uma tarefa relativa àquele que se doa a esse tipo de exercício. Tal composição implica que, de um lado, a verdade do outro expressa por mim é sempre uma aproximação, nunca sua totalidade. Do outro lado, aquilo que eu posso compreender do outro e de mim mesmo passa pelo que sou, e isso é, em última instância, produto das mediações sociais, culturais, políticas, estéticas e econômicas forjadoras das possibilidades de mim e do outro.

Nesse sentido, alerta Fonseca (2009, p. 7, grifos do autor), "é inútil pretender um contato imediato e intuitivo com a origem, já que esta é dada na compreensão sempre mediada pela interpretação. E a interpretação situa sempre o intérprete *in medias res* e nunca no começo ou no fim". O potencial de sentido presente no discurso oral ou escrito é sempre maior que qualquer tentativa de atualização. Portanto, isso nos aconselha que ao construir e explicitar as entrevistas ou outros processos de interpretação dos dados, deve-se buscar, nos símbolos do dizer, as expressões de duplo sentido mediadas pela contextualização de seu nível presente, de um lado, bem como pelo sentido histórico que o caracteriza e condiciona, como demonstramos no exemplo mencionado.

A hermenêutica é uma teoria das regras que se dirige à interpretação de um texto ou de um conjunto de signos que pode ser considerado como um texto (Ricoeur, 1977). A relação com a linguagem, não apenas com a língua, amplia as margens do que podemos considerar como texto. Dessa feita, o interpretar como inteligência do duplo sentido, para Ricoeur (1977, p. 21) "se lança a toda estrutura intencional de segundo grau que supõe que um primeiro sentido seja constituído onde algo é visado em primeiro lugar, mas onde esse algo remete a outra coisa visada por ele".

Nesse sentido, o dito encontra-se implícito na estrutura do dizer e o exercício da hermenêutica crítica será abstrair, na medida de suas possibilidades e ciente de seus limites ontológicos, as estruturas secundárias e terciárias, embutidas no discurso primário, ou seja, no dizer, ou no querer-dizer.

Está presente, nos textos abordados, bem como no tomo I de *Tempo e Narrativa* (1994), a ideia de uma tessitura inteligível que se desencadeia

em diversas estruturas intercomunicáveis, mas que possuem dimensões específicas no conjunto da atividade. No caso da obra referida, grosso modo, o que está em questão é a narrativa histórica, sua compreensão a partir do legado da narrativa poética, superando-a em seus limites.

Portanto, Paul Ricoeur elabora um caminho epistemológico que permite desvelar as camadas do sentido. É acerca desse percurso de decifração que trata a próxima seção de nossa discussão.

Do conceito à decifração do símbolo: as três instruções do cogito

Paul Ricoeur (1977, p. 22-24) conceitua símbolo da seguinte maneira:

> [...] restrinjo deliberadamente a noção de símbolo às expressões de duplo ou múltiplo sentido cuja textura semântica é correlativa ao trabalho de interpretação que explicita seu sentido ou seus múltiplos sentidos. [...] Não há símbolo antes do homem que fala, mesmo que o poder do símbolo se enraíze mais abaixo, na expressividade do cosmos, no querer-dizer do desejo, na variedade imaginativa dos sujeitos. Contudo, é na linguagem que o cosmo, o desejo e imaginário acendem, cada vez, à palavra.

Na obra *O Conflito das Interpretações: Ensaios de Hermenêutica*, Ricoeur (1978, p. 15) desdobra o conceito da seguinte forma:

> […] símbolo é toda estrutura de significação em que um sentido direto, primário, literal, designa, por acréscimo, outro sentido indireto, secundário, figurado, que só pode ser apreendido através do primeiro.

O símbolo resguarda a arquitetura do sentido numa relação do sentido com o sentido ou, como ele diria, do sentido primário com o sentido secundário, podendo o sentido primeiro dissimular ou revelar o sentido segundo.

Na referida obra há a indicativa de que o sentido interrogado deve ser animado por três instruções: “vejo três etapas desse compreender. Três

etapas que balizam o movimento que se dirige da vida nos símbolos em direção a um pensamento que seja pensado a partir dos símbolos" (Ricoeur, 1978, p. 250). Tais etapas são, a saber: a *fenomenológica*, a *hermenêutica* e a *filosófica* ou *reflexiva*. Entendimento confirmado no texto de Lauxen (2015), que celebrou os 100 anos de nascimento de Paul Ricoeur.

> Ricoeur não se exime de mostrar de qual lugar ele procura arbitrar tais conflitos de interesses dentro das ciências humanas: trata-se do entrecruzar de fenomenologia, hermenêutica e filosofia reflexiva, ainda que seja um crítico de todas elas: corrige a fenomenologia em suas pretensões idealistas; a hermenêutica em sua recaída para a via curta da ontologia e a filosofia reflexiva em sua pretensão de curtocircuitar o sujeito na sua relação de si a si (Lauxem, 2015, p. 13).

A etapa fenomenológica é caracterizada como compreensão do símbolo pelo símbolo, pela totalidade dos símbolos que dizem respeito entre si e formam uma coerência. Para Ricoeur (1978, p. 250)

> [...] a fenomenologia aplica-se a compreender um símbolo por outro símbolo. Pouco a pouco a compreensão se estenderá segundo uma longínqua analogia intencional, a todos os outros símbolos que têm afinidade com o símbolo estudado.

Para exemplificar a afirmação anterior, no espaço do objeto da tese realizada a partir da pesquisa mencionada anteriormente sobre a formação contínua de professores, na etapa fenomenológica tomamos como referência os documentos históricos daquela formação, expondo o símbolo a partir de seu sentido primário, no conteúdo que ele se apresentava. Portanto, tomamos uma postura descritiva e elucidativa, trazendo o símbolo entregue a si mesmo e elucidando seu próprio conteúdo numa relação com a literatura da área.

Nessa primeira etapa, que também pode ser pensada a partir do conceito de mimese I, elaborado na obra *Tempo e Narrativa*, é preciso destacar que o símbolo só pode ser compreendido porque advém de uma

estrutura simbólica e cultural que lhe precede e que permite um primeiro movimento de aproximação. Ricoeur (1994, p. 91, grifos do autor) adverte que "Se, com efeito, a ação pode ser narrada, é porque ela já está articulada em signos, regras, normas: é, desde sempre, *simbolicamente mediatizada*".

Isso nos instrui que a prefiguração do símbolo possui um caráter temporal, histórico. Compreender os símbolos que tomamos por objeto de pesquisa e toda tessitura semântica (política, cultural, social) que lhes envolve é, em alguma medida, uma (*re*)criação narrativa. É uma atualização de sentido que, inicialmente, deve apresentar a relação do texto em seu contexto histórico de intersignificação, visando a anunciar um conjunto inicial de elementos para leitura do objeto de/em estudo. Em síntese, situá-lo em determinado paradigma[5].

> Tal é a primeira etapa, o primeiro nível de um pensamento, a partir dos símbolos. Mas não podemos permanecer aí. Pois a questão da *verdade* ainda não está colocada. Se acontece ao fenomenólogo, chamar verdade à coerência própria, à sistematicidade do mundo dos símbolos, trata-se de uma verdade sem crença, de uma verdade à distância, de uma verdade reduzida, da qual foi expulsa a questão: será que *eu* creio nisso? O que farei dessas significações simbólicas? (Ricoeur, 1978, p. 251, grifos do autor).

Na etapa hermenêutica, aplicada a cada texto de modo particular, abandonamos a postura longínqua exigida na etapa anterior e nos colocamos como elo da decifragem dos sentidos multívocos do texto. Etapa em que surge o círculo hermenêutico do crer para compreender e do compreender para crer, exigindo do hermeneuta viver a áurea do acontecimento. Ricoeur explica que ela nos faz participar da luta, da dinâmica pela qual o simbolismo está, ele mesmo, abandonado ao seu próprio ultrapassamento.

[5] Paradigma pode ser compreendido no tomo I de *Tempo e Narrativa* como a tecitura da intriga, o quadro referencial simbólico que sustenta uma visada inicialmente compreensível. Nesse caso, sem guardar relação com o conceito de *paradigma* desenhado por Kuhn (2006), como bem afirmam Dutra e Ghedin (2017).

Nessa etapa, buscamos pensar por trás da aparência, em busca da essência. Entregamo-nos a pensar o sentido interrogado, nosso objeto de pesquisa e os elementos construídos ao longo da pesquisa, assumindo um lugar de fala, de postura epistemológica.

O conceito de mimese, que Ricoeur toma de empréstimo da poética aristotélica e que é usado para pensar a compreensão narrativa, novamente pode ser chamado[6] para o enriquecimento de nossa análise da etapa hermenêutica. Se, na posição fenomenológica, o símbolo foi apresentado no conjunto de uma intersignificação histórica geral, em mimese II o trabalho será a passagem do paradigma (quadro geral; prefiguração) ao sintagma. "Essa passagem do paradigmático ao sintagmático constitui a própria transição de *mimese* I a *mimese* II. É a obra da atividade de configuração" (Ricoeur, 1994, p. 103).

Tal passagem significa extrair a unidade da totalidade. Para a narrativa histórica

> [...] fornece um ponto de vista do qual a história pode ser percebida como formando um todo. Compreender a história, é compreender como e por que os episódios sucessivos conduziram a essa conclusão (Ricoeur, 1994, p. 105).

Para a organização da pesquisa e no sentido da interpretação dos elementos em processo de inteligência significa que o autor expressa, a partir da organização dos eventos relatados, dos autores que coteja, dos posicionamentos assumidos, um sentido que atribui, que fornece sua tese em

[6] Há que se esclarecer que a nossa apropriação interpretativa, que conjuga os conceitos de mimese às etapas da compreensão hermenêutica, possui o limite de uma extração do conceito do seu sentido originário na obra *Tempo e Narrativa* (especificamente do capítulo III), ignorando, pelo interesse deste texto, conceitos outros que ele articula ao de *mimese* que se subordina à investigação da mediação entre tempo e narrativa. Contudo, parece-nos interessante observar que o engendramento entre os conceitos (mimese I, II e III) e etapas (fenomenológica, hermenêutica e filosófica) parece fazer advir uma contribuição enriquecedora do exercício interpretativo dos pesquisadores em educação, objetivo próprio de nosso texto.

complementação ou transgressão. Processo que permite conhecer com quem o autor dialoga e qual posição intelectual ele assume.

De certo modo, também é possível observar essa passagem após a conclusão dos relatórios, que permitem perceber a coerência epistemológica entre teoria-método-procedimento-objeto, a partir de uma configuração que é irrepetível, isto é, cada pesquisador produzirá, com o apoio do léxico comum (paradigma), uma obra única, dará uma unidade singular à diversidade (sintagma).

Não obstante, na etapa hermenêutica, ainda não está colocada a questão da reflexão, razão pela qual o autor nos aconselha a terceira e última etapa: a filosófica, de um pensamento por trás do símbolo. Para Ricoeur (1978, p. 252), as duas etapas anteriores não são suficientes, pois não permitem a compreensão em sua completude, pois a fase filosófica implicada

> [...] é de que é preciso pensar por trás dos símbolos, mas a partir dos símbolos, em conformidade com os símbolos; que sua substância é indestrutível, que eles constituem o fundo revelador da palavra que habita entre os homens.

A palavra só faz sentido como um "*entre*" humanos, não é algo que se diga, que se pronuncie, que faça sentido fora dessa relacionalidade do "*entre*" humanos.

Nesse sentido, a etapa filosófica detém a responsabilidade de promover o sentido, formar o sentido, respeitando o enigma original dos símbolos, mas se deixando ensinar por eles no exercício responsável de um pensamento autônomo, ao mesmo tempo ligado ao símbolo e livre.

O símbolo faz apelo não somente à interpretação, mas verdadeiramente à reflexão filosófica, ele possui uma consistência, nas palavras de Ricoeur (1978, p. 243), "o símbolo dá a pensar: essa sentença que me encanta diz duas coisas. O símbolo dá. Não ponho o sentido, é ele que dá o sentido. Mas o que ele dá é a pensar".

A etapa filosófica compreende o nível mais profundo do trabalho sobre, com e a partir dos símbolos, ela reúne as anteriores e as ultrapassa. Sobre esse terceiro momento do método, Ricoeur (1977, p. 400) alerta:

> […] esse retorno ao imediato não é um retorno ao silêncio, mas à palavra, à plenitude da linguagem. Não é sequer à palavra inicial, imediata, mas a uma palavra instruída por todo o processo do sentido.

Para exercer esse revide à palavra, que dará vazão ao processo da relação de compreensão do símbolo, por meio do símbolo, mas em forma de ultrapassamento autoral, indicamos que os autores revisem os passos pelos quais caminharam nas etapas anteriores, para destacar uma síntese, um novo ponto de partida. É muito interessante propor, ao final de cada seção ou capítulo do relatório da pesquisa, uma síntese que contenha os elementos que se destacaram daquele espaço discursivo, essas sínteses serão necessárias para retomada e movimento autorial de ultrapassamento das próprias análises que o autor foi capaz de propor até aquele momento.

O conceito de mimese III ajuda a pensar no caráter de ultrapassamento e inovação, mas também de recomeço de toda obra. O que significa que passamos da etapa filosófica com elementos para um novo problema, que leva ao primeiro nível do cogito, o fenomenológico ou da mimese III a I. Entretanto, Ricoeur (1994) argumenta que isso não significa um círculo vicioso, o caráter circular é espirado, sendo cada novo ponto de partida um ponto novo. "Quanto a isso, gostaria de falar, antes, de uma espiral sem fim que faz a mediação passar muitas vezes pelo mesmo ponto, mas numa atitude diferente" (Ricoeur, 1994, p. 112).

Mimese III é particularmente interessante para pensarmos o *alter* do texto, isto é, os sujeitos que completam a obra a partir da leitura que dela fazem como suporte para seguir pensando. Para Ricoeur (1994), a transição entre mimese II e III é operada pelo ato de leitura. Isso porque

> De um lado, os paradigmas recebidos estruturam as expectativas do leitor e o ajudam a reconhecer a regra formal, o gênero ou o tipo exemplificados pela história narrada. Fornecem linhas diretrizes para o encontro entre o texto e seu leitor. Em suma, são eles que regulam a capacidade de a história de se deixar seguir. De um lado, é o ato de ler que acompanha a configuração da narrativa e atualiza sua capacidade de

> ser seguida. Seguir uma história é atualizá-la no ato da leitura (Ricoeur, 1994, p. 117-118).

Reservadas as devidas distinções da leitura de um texto narrativo dentre os textos literários e a leitura de um texto acadêmico, cuja narrativa presente se estabelece por lógicas diversas daquele; é possível e importante pensar que todo texto acadêmico ambiciona participar de determinado espaço de discussão, defende ideias, concebe o mundo e os humanos de determinada forma. Mas não o faz apenas para se incorporar em um espaço anteriormente existente; um texto acadêmico, principalmente no campo da Educação, ao participar da luta de interpretações, deseja chamar outros para se juntar, para somar forças, busca convencer – é um ato de fala – apresenta o sentido.

Assim, "o acontecimento completo é não apenas que alguém tome a palavra e dirija-se a um interlocutor, é também que ambicione levar à linguagem e partilhar com outro uma nova experiência" (Ricoeur, 1994, p. 119). Por sua vez, a nova experiência tem o mundo como horizonte, como pano de fundo que dá contextualidade ao texto, por isso é, além de um terceiro passo, um novo primeiro, um horizonte de eventos, uma perspectiva dialética.

Devemos nos lembrar que para Ricoeur (1977, p. 48) a reflexão é uma tarefa e esta "é a apropriação de nosso esforço para existir e de nosso desejo de ser, através das obras que dão testemunho desse esforço e desse desejo". Portanto, é na etapa filosófica que exercitaremos nossa capacidade de criação, de produção do novo, do autoral, tendo como base tudo que já foi construído e como tarefa a produção de uma compreensão melhor e mais esclarecida do que a que fomos capazes de desenvolver até então.

Essa compreensão é do objeto em estudo e de si mesmo (do sujeito pesquisador na relação com os sujeitos da pesquisa), esse movimento é extremamente formativo. Será que todos os pesquisadores têm consciência de que parte da busca é por si mesmo? Que os limites e possibilidades de uma interpretação estão, analogamente ao que pensou Isaac Newton[7],

[7] Embora a frase "Sobre os ombros de gigantes", usada pelo Google, traduzida de uma moeda britânica de duas libras que traz a inscrição: "*STANDING ON THE SHOULDERS OF GIANTS*" em sua borda, como uma citação de Isaac Newton, essa ideia é muito mais antiga,

relacionados aos ombros sobre os quais nos apoiamos para enxergar mais longe, e que isso significa que todo resultado de pesquisa na área das Ciências Humanas, e não só da Educação, tem a ver tanto com os investigados, quanto com o investigador? Essas são questões que muitas vezes nos escapam, mas que Ricoeur, com muita lucidez, instrui-nos a não as perder de vista.

Porto de passagem: a Pesquisa em Educação orientada pela Hermenêutica Crítica de Paul Ricoeur

Intitulamos essa sessão analogamente como um porto de passagem, pois é nesse espírito que a pensamos, como um espaço que deve propiciar o movimento, que deve incentivar, por meio do esclarecimento, os pesquisadores e seus trabalhos a se conduzirem e aprofundarem o pensamento hermenêutico crítico. Queremos apontar o que avaliamos que surge dessa decisão, tomando como base os conceitos trabalhados na seção anterior.

Kuenzer e Moraes (2005) identificaram um recuo da teoria no campo da Educação, mas também, de modo geral, no campo das ciências humanas e sociais. Conforme análise:

> Nesse contexto, o esforço teórico é associado à perda de tempo ou à especulação metafísica ou, quando não, restringe-se a um recurso de oratória, expediente persuasivo e fragmentário preso à sua própria estrutura discursiva (Kuenzer; Moraes, 2005, p. 1.352).

Conforme as autoras, como consequência do recrudescimento teórico, a pesquisa em educação se torna tolhida, voltada à apreensão de

pois a expressão é derivada da mitologia grega, na qual o gigante cego Órion carrega seu servo Cedálion (que é um anão) nos ombros, para ser seus olhos. No período medieval (1159), ela é atribuída a Bernardo de Chartres, por João de Salisbury (que foi aluno de Bernardo), na obra *Metalogicon*, que expressa a ideia de que enxergamos mais longe não porque estamos em posições mais altas na paisagem, mas porque somos levantados por aqueles(as) que nos antecederam no conhecimento e o que a observação tem de perspicácia é que o anão, nos ombros do gigante, "*poderia*" ver um pouco mais além do que o gigante.

relações fenomênicas e empíricas, restringindo seu horizonte aos dados e à descrição do seu futuro provável, ou entregue a estratégias de intervenção e narrativas fragmentadas.

Vemos, no que nos indica Ricoeur, um caminho de superação de parte dessas dificuldades. Primeiramente, porque a interpretação acontece como um trabalho de decifragem que não se esgota no que revela imediatamente, mas busca se aprofundar no e por meio do signo, ou seja, os sentidos que emergem dos sujeitos e se destacam para a interpretação são reproduzidos nas etapas fenomenológica, hermenêutica e filosófica com vistas ao alcance do maior ponto de esclarecimento possível, por sua vez, sempre temporal.

O conceito de arquitetura do sentido nos auxilia no exercício de continuar caminhando, próprio das aspirações da formação contínua de nossa inacabada humanidade. Há que se ter em mente o fato de que aprendemos a fazer pesquisa no próprio processo, no curto tempo (e cada vez mais esmagado) dos programas de pós-graduação, em meio às disciplinas obrigatórias e às referências basilares do próprio objeto de pesquisa, que não são necessariamente as mesmas do campo da epistemologia do método eleito pelo objeto e reconhecido pelo autor.

Além disso, comumente não sabemos até que ponto devemos ir ao trabalhar os dados, os constructos, os conceitos, nem mesmo qual é o nosso momento autoral em meio ao quadro geral. Como ressaltamos anteriormente, essa é sempre uma questão recorrente nas bancas, “Eu não estou te vendo!”, dizem-nos, perguntando em qual momento aparecemos como autores do nosso trabalho.

A questão da relação da linguagem, do conceito de dito e de símbolo também nos ajuda a pensar em quantos sentidos podem estar contidos nos discursos, a buscar na totalidade das relações políticas, econômicas e sociais as forças que os direcionam e fomentam, o que nos ajuda a superar o caráter fragmentário apontado por Kuenzer e Moraes (2005).

A hermenêutica é uma atitude reflexiva conduzida pelo diálogo. Sua condição interpretativa é fundamentalmente dialógica e dialética, diálogo de si com o mundo, com os outros, consigo mesmo, e dialética porque a

realidade é muito mais ampla, implica a totalidade e a crítica como sua condição. Hermann (2002) destaca os vínculos indissolúveis entre aprender, compreender e dialogar, como exercício de deslocamento de consciência, de fluidez entre consciências, numa abertura sem a qual não conseguimos ver o outro, tão cheio que estamos de nós mesmos.

> A incapacidade para o diálogo vai se aprofundando na estrutura monológica da civilização científica, que não nos permite mais prestar atenção ao sentido das palavras. O diálogo autêntico exige a participação dos envolvidos, expondo nossas próprias posições sobre conceitos e pré-conceitos. Desse modo, um diálogo levado a sério, que não se oblitera em dificuldades, pressupõe que o participante esteja aberto para mudar sua própria posição e entrar no jogo com o outro (Hermann, 2002, p. 94).

A educação é, por natureza, o lugar do diálogo. No espaço da pesquisa, essa abertura deve ser consciente e consequente; consciente ao nos aconselhar que qualquer conhecimento anterior à própria relação de diálogo com os objetos/sujeitos em questão deve ser receptivo a reestruturar-se. Muitas vezes, vemos pesquisadores irem a campo querendo apenas confirmar suas hipóteses e teses, perdendo de vista o próprio caráter da pesquisa enquanto um caminho que se constrói no caminhar, no qual o ineditismo é necessário para redesenhar um percurso diferente do que havíamos imaginado *a priori*, é nesse refazer os caminhos da pesquisa que nos refazemos enquanto pesquisadores, enquanto sujeitos de conhecimento (Ghedin; Franco, 2024).

Outra questão importantíssima que a hermenêutica crítica elege é a da humildade em relação ao que "encontramos no campo". Ao interpretar, estamos lançando mão de nós mesmos, em outros termos, somos o observador na experiência, exercitando nossa natureza autopoiética, como nos diria Maturana (2001), ou seja, não nos é possível ver, sentir e pensar além das nossas próprias margens, o que, por outro lado, reafirma a importância da crítica em relação ao efeito do recrudescimento da teoria nos trabalhos da pós-graduação. Precisamos enriquecer e ampliar nosso campo

de visão para não incorrermos em interpretações preguiçosas e pouco fecundas, sob o risco de não cumprir com um dos trabalhos da pesquisa científica, que é o de fazer avançar o conhecimento.

A hermenêutica crítica, em sua etapa reflexiva, define que a consciência é, primeiramente, consciência falsa. Ricoeur (1978, p. 19) nos fala dos três mestres da suspeita:

> Marx, Nietzsche e Freud nos ensinaram a desmascarar seu ardis. Por conseguinte, devemos, doravante, acrescentar uma crítica da consciência falsa a toda redescoberta do sujeito do Cogito nos documentos de sua vida.

Isto é, no caminho de nossas pesquisas, vamos angariando muitas conclusões, muitas percepções que estão no pano de fundo de nossas sínteses, estas precisam passar por uma crítica corretiva da má compreensão à compreensão, e é por isso que refletir é uma tarefa, não um achado. O símbolo dá, mas o que ele nos dá é a pensar!

> O real é uma "revelação", uma descoberta, uma interrogação, uma "criação", nunca um dado; ou seja, a realidade mostra-se ao sujeito à mesma proporção que ele cria habilidade de interrogá-la em seu sentido e significado. Nisto consiste a árdua tarefa do conhecimento: destrinchar a complexidade do real no singular sem perder de vista e sem deixar de ter como horizonte a totalidade daquilo que aparece como particular. Essa relação estabelece-se à medida que estudar-pesquisar se torna um compromisso político que leva o sujeito a assumir eticamente os destinos da sociedade (Ghedin; Franco, 2008, p. 148).

Insistimos, o símbolo dá, mas o que ele nos dá é a pensar! Construir a pesquisa, na perspectiva hermenêutica crítica, tem a ver com a consciência e o exercício do compromisso político que relatam Ghedin e Franco (2024), tanto no sentido de que o estudo e a pesquisa são um exercício pessoal de compreensão da realidade, quanto das consequências que devem emergir

desse esforço, isto é, seu fazer não está desvinculado do desejo e do compromisso de transformação das condições de opressão social.

Ainda conforme Ghedin e Franco (2008, p. 165), "a negação dessa potencialidade da interpretação consiste, no fundo, numa negação do próprio ser, e é nela que se fundamenta a exploração humana". Dessa feita, a hermenêutica, pensada sob o viés de Ricoeur, é um chamado ao conhecimento de si por meio do conhecimento do mundo, elevando continuamente e criticamente nossa consciência de ambos.

> O gesto da hermenêutica é um gesto humilde de reconhecimento das condições históricas a que está submetida toda compreensão humana sob o regime da finitude. O da crítica das ideologias é um gesto altivo de desafio, dirigido contra as distorções da comunicação humana (Ricoeur, 1983, p. 131).

Dessa substância é que se constitui o método hermenêutico crítico, de humildade e altivez. Conforme Ricoeur (1983, p. 69), a condição de perpetuação das ideologias é

> [...] a de que as ideias que veicula tornem-se opiniões, de que o pensamento perca rigor para aumentar sua eficácia, como se apenas a ideologia pudesse mediatizar não somente a memória dos atos fundadores, mas o próprio sistema de pensamento.

A exemplo de todos os exercícios seculares, na educação há perpetuações de projetos de formação humana e social que se assentaram como lugar comum, como opinião, sob os quais as críticas mais contundentes não têm produzido muitos efeitos. Assim o é com as questões de autoridade, aprendizagem e ensino que se reproduzem em muitas instituições com fortes traços repressores, de domesticação e silenciamento. Traços alinhados a um projeto de formação humana para dominação dos corpos e mentes, que precisa ser revelado, tornado manifesto, uma vez que esses projetos aprenderam a se camuflar em meio a discursos e aparências progressistas ou, como exemplificamos, aprenderam a se camuflar como

satisfação, quando significam negação e opressão pela ausência do tratamento crítico da consciência profissional (Silva; Ghedin, 2021).

Cabe ao hermeneuta crítico identificar esses símbolos, descrevê-los, contextualizá-los, transgredi-los, denunciar sua substância, refletir sobre eles; na medida em que reflete sobre si mesmo, consciente dos limites culturais e históricos que dão margem a sua interpretação, bem como do compromisso social em continuar exercitando sua tarefa, seu trabalho de crítico da cultura, enquanto crítico de seu próprio tempo.

Considerações finais

Expusemos, ao longo do texto, as dimensões estruturantes do pensamento hermenêutico-crítico de Paul Ricoeur, aplicado à pesquisa em Educação. No transcurso do texto destacamos os conceitos de símbolo, dito, dizer e evento que, articulados, são capazes de instrumentalizar processos mais conscientes de elaboração e intepretação dos dados da pesquisa.

O conceito de evento mostrou-se indispensável e interessante, pois indica a historicidade presente em cada discurso, o que implica um exercício de contextualização e permite o aprofundamento da compreensão do dito presente no dizer em várias camadas de sentido, na estrutura política, social, econômica e quantas mais o pesquisador for capaz de suscitar e isso explicita o caráter dialético da hermenêutica crítica.

Enquanto processo metodológico, vimos a indicação de três etapas de decifração do símbolo: a fenomenológica, a hermenêutica e a filosófica, cada uma com objetivos distintos, mas interligados em uma estrutura de profundidade analítica.

Às referidas etapas articulamos o conceito de mimese para destacar as possibilidades de diálogo entre as etapas e os conceitos de mimese I, II e III, presentes no tomo I de *Tempo e Narrativa*; que, resguardados os interesses de cada empreendimento filosófico, revelaram uma importante contribuição ao nosso exercício de pensar a pesquisa em Educação a partir da hermenêutica ricoeuriana. Desse exercício, destacamos a posição do

leitor na complementariedade do sentido do texto, bem como a concepção espiralada do círculo hermenêutico. Acerca da etapa filosófica, destacamos o incentivo à produção criativa, crítica e autoral que lhe interessa.

Ficou claro que o compromisso da epistemologia hermenêutica não é apenas metódico, é, por natureza, ontológico, compreensivo e reflexivo, o que instrui o pesquisador à construção de si mesmo por meio da construção do conhecimento e, talvez, esteja nesse escopo sua missão autoformativa, aspecto que destacamos na segunda metade do texto, ao refletir sobre as vinculações do trabalho de Paul Ricoeur no contexto da pesquisa educacional.

No tocante à contribuição de Ricoeur ao desenvolvimento científico, destacamos características essenciais de seu pensamento, tais como fecundidade, criatividade e criticidade. nesse sentido, consideramos pertinente a ampliação do estudo e debate acerca desse método, bem como dos conceitos e processos que dele emergem.

Finalmente, consideramos que o processo metódico da pesquisa deve ser tratado com rigor epistemológico, não podendo comparecer como penduricalho que enfeita o texto, mas não o dimensiona, tão pouco o estrutura internamente. É necessário dedicação e tempo de maturação diante da literatura filosófica de base, da qual emergem os procedimentos e técnicas. Nesse sentido, há que se fazer a crítica ao tempo cada vez mais comprimido para realização dos mestrados e doutorados, espaço formativo de desenvolvimento dos pesquisadores. O símbolo dá, mas o que ele nos dá é a pensar, e não podemos pensar com qualidade sob bases teóricas empobrecidas.

Referências

DUTRA, Renner D. Gonçalvez; GHEDIN, Evandro. A proposta hermenêutica de Paul Ricoeur e suas implicações para a pesquisa em Educação em Ciências. *In*: GHEDIN, Evandro (Org.). *O Ensino de Ciências e suas epistemologias*. Boa Vista: EDUFRR, 2017. p. 687-701.

FLORES, Valdir do Nascimento; ENDRUWEIT, Magali Lopes. A noção de discurso na teoria enunciativa de Émile Benveniste. *MOARA–Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras*, n. 38, p. 196-214, 2012. DOI: https://doi.org/10.18542/moara.v1i38.1280. Disponível em:

http://novoperiodicos.ufpa.br/periodicos/index.php/moara/article/view/1280 Acesso em: 23 set. 2024.

FONSECA, Maria de Jesus Martins. Introdução à Hermenêutica de Paul Ricoeur. *Revista Millenium do ISPV*, v. 36, n. 14, p. 1-23, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GATTI, Bernadete A.; NUNES, Marina Muniz (Orgs). *Formação de professores para o Ensino Fundamental*: estudo de currículos das licenciaturas em Pedagogia, Língua Portuguesa, Matemática e Ciências Biológicas. São Paulo: FCC/DPE, 2009.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez, 2008.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2024.

HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KUENZER, Acácia; MORAES, Maria Cecília. Temas e tramas na pós-graduação em educação. *Educ. Soc*., Campinas, v. 26, n. 93, p. 1.341-1.362, 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000400015.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 9. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LAUXEN, Roberto Roque. Os cem anos de nascimento de Paul Ricoeur: uma biografia intelectual. *Revista Páginas de Filosofia*, v. 7, n. 1, p. 1-25, 2015. DOI: https://doi.org/10.15603/2175-7747/pf.v7n1p1-25.

MATURANA, Humberto R. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

RICOEUR, Paul. *Da interpretação*: Ensaios sobre Freud. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1977.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações*: Ensaios de hermenêutica. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1978.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*: Tomo I. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.

SEARLE, John R. *Os actos de fala*: Um ensaio de filosofia da linguagem. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.

SILVA, Thaiany Guedes da; GHEDIN, Evandro. Entre o blá-blá-blá e o ativismo: a crise nas mediações pedagógicas da Formação Contínua Docente. *Humanidades & Inovação*, v. 8, n. 40, p. 103-117, 2021. Disponível: em https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5017. Acesso em: 23 set. 2024.

Data de registro: 18/02/2022

Data de aceite: 22/11/2023